

A aventura etnográfica de Curt Nimuendajú

The ethnographic adventure of Curt Nimuendajú

Elena Welper*

Resumo: Este artigo analisa a vocação etnográfica de Curt Nimuendajú, tendo como objetivo revelar as referências que o orientaram na condução do seu trabalho de campo. As partir dos dados biográficos acerca de sua infância e juventude na Alemanha, bem como das pistas encontradas nos seus primeiros escritos, sustenta-se a hipótese de que uma clássica literatura western foi fundamental para a construção da sensibilidade etnográfica deste pesquisador, pois, combinando as emoções de um viajante aventureiro com as ambições de um “homem da ciência”, Curt Nimuendajú transformou a experiência de comunhão e conversão indígena – tão própria dos clássicos de aventura –, em uma das suas prerrogativas metodológicas, e assim, complementou a prática metodológica da *Moderne Ethnologie* – de observação in loco e crítica histórica – com aquilo que poderíamos identificar como um pioneiro espírito “going native”.

Palavras-chave: Curt Nimuendajú; Etnografia alemã; Trabalho de campo.

Abstract: The article analyses Curt Nimuendajú's initiation into ethnography, highlighting the references which guided him during his fieldwork. Starting from biographical data on his childhood in Germany, and following clues contained in his first writings, the article argues that a classic Western literature was fundamental to his ethnographic sensibilities. Combining the emotional verve of a traveller-adventurer with the ambitions of a “man of science”, Nimuendajú transformed the experience of Indigenous communion and conversion – which are so typical of the classics of adventure genre – into one of his methodological prerogatives. He thus complemented the methodological practice of the *Moderne Ethnologie* – of in situ observation and historical critique – with what we may define as a pioneering spirit of “going native”.

Key words: Curt Nimuendajú; German ethnography; Field work.

* Pós-doutoranda do PPGAS Museu Nacional/UFRJ (PAPD-FAPERH). Artigo elaborado sob âmbito das pesquisas realizadas com bolsas do programa PDJ-CNPq (2010-2011) e PAPD-FAPERJ (2012). Quero agradecer aqui a revisão cuidadosa e os comentários enriquecedores de Pablo Barbosa, Graciela Chamorro, Nádia Heusi e Ricardo Cavalcanti. E-mail: elenawelper@yahoo.com.br

O presente artigo tem como objeto de análise a vocação etnográfica de Curt Nimuendajú. Meu objetivo é revelar as referências que o orientaram na condução do seu trabalho de campo, explorando os dados biográficos acerca de sua infância e juventude na Alemanha, bem como as pistas encontradas nos seus primeiros escritos. Como hipótese sustento que uma certa literatura *western* foi fundamental para a construção da sensibilidade etnográfica deste pesquisador, tendo lhe servido de inspiração desde sua infância na Alemanha.

O que aqui chamo de literatura *western* inclui narrativas históricas e ficcionais sobre a exploração e ocupação do oeste norte americano a partir do início do século XIX. No primeiro grupo, temos os registros produzidos por viajantes que desbravaram aquele território com ambições científicas e artísticas, como por exemplo: Maximilian von Wied-Neuwied, Karl Bodmer e George Catlin. No segundo grupo, temos os romances de aventura que, inspirados e informados pelas narrativas do primeiro grupo, foram responsáveis pela disseminação de um *indianthusiasm* por toda a Europa e, em especial, na Alemanha¹. Concebida e definida pelos ideais românticos da época, essa ampla literatura sobre o *American West* tinha em comum o intuito de experimentar, descrever, registrar e assim “preservar” paisagens, povos e modos de vida nativos que seus autores acreditavam estar desaparecendo perante o avanço da civilização (Masters, 2005).

A etnografia de Curt Nimuendajú também esteve guiada por essa orientação “salvacionista” que definiu uma trajetória marcada por episódios heroicos e, em muitos aspectos, bastante semelhantes a dos protagonistas dos romances literários. Combinando as emoções de um aventureiro com as ambições de um “homem da ciência”, Curt Nimuendajú transformou a experiência de comunhão e conversão indígena – tão própria dos clássicos de aventura –, em uma das suas prerrogativas metodológicas e, assim, complementou a prática metodológica da *Moderne Ethnologie*, de observação *in loco* e crítica histórica (seguida por K. von den Steinen e P. Ehrenreich por exemplo), com aquilo que poderíamos identificar como uma autêntica observação participante e um pioneiro espírito “going native”².

¹ O termo foi criado por Hartmut Lutz para definir um anseio e fascinação dos europeus, mas em especial dos alemães, por todas as coisas dos índios americanos (Lutz, 2002, p. 168).

² Nimuendajú acreditava que uma observação sensível às complexidades de uma cultura só poderia ser alcançada a partir de uma espécie de “conversão indígena”, do observador. Este deveria ter certa familiarização com a língua nativa e ter estabelecido algum tipo de “amizade” com aqueles que lhe serviriam de informantes. Somente assim é que se poderia confiar nos dados coletados, principalmente sobre mitologia e religião, como nos diz em sua monografia Guarani: “Grande é o número de fábulas de animais. Estes são os elementos que mais facilmente se obtêm dos índios, que ele menos teme comunicar ao estranho. Por isso, este tipo de mito foi mais frequentemente observado e detalhadamente registrado [...] Se, contudo, o observador tivesse sempre sido considerado pelos índios como companheiro de tribo e de crença, e tivesse tido o domínio de sua língua, o quadro das religiões sul-americanas originais ter-se-ia

A fim de evidenciar a importância da literatura *western* na experiência e trajetória etnográfica de Curt Nimuendajú, é necessário que se apresente um pouco dessas obras e algumas informações sobre a infância de Nimuendajú na Alemanha.

Da brincadeira de índio à fogueira de acampamento

Aliás, não é fácil entender o que poderia motivar um não indígena e principalmente um alemão, a se unir a esta tribo selvagem [coroados] sem ser por objetivos científicos ou sociais. (Curt Nimuendajú, 19/07/1910, neste número).

The German fascination with the American Indian is legion, enduring, and much more than a current, pos modern enchantment with 'the primitive'. (Penny, 2006, p. 798).

Curt Unkel (17/04/1883-10/12/1945) nasceu na pequena cidade de Jena, berço da primeira escola Romântica da Alemanha, no mesmo ano em que Franz Boas iniciou seu trabalho de campo entre os Inuit das ilhas Baffin, e, que William Buffalo Bill Cody organizou seu primeiro *Wild West Show* em Omaha. Curt não chegou a conhecer o pai, que faleceu pouco antes de seu nascimento, e teve poucas lembranças da mãe, que faleceu vítima da tuberculose quando ele tinha apenas dois anos de idade. Curt e sua irmã materna, Olga Ludwig (1877-1959), foram criados pela avó por parte de mãe, Luise Weber e, depois que esta morreu, em 1895, os dois irmãos ficaram sob os cuidados da tia Berta Weber (Pane Baruja 2012, p. 04).

Após terminar o ensino médio em 1899, empregou-se como operário da Zeiss – a maior fábrica de lentes e materiais óticos do país – onde trabalhou no departamento de medidas, recebendo para tanto um treinamento específico que incluía mecânica ótica, geometria e desenho (Cappeller, 1963; Schaden, 1968, p. 8). Mas, pouco antes de chegar à idade de se alistar no serviço militar, Curt avisou a seus amigos que partiria a São Paulo por ser esta uma cidade que tinha bom clima e oferecia oportunidades para os alemães (Cappeller, 1963). Uma dessas oportunidades pode ter sido o emprego numa loja de ferragens – algo vagamente mencionado por Schaden (1968) –, mas esta certamente não era a principal ambição do jovem de origem humilde que deixou o emprego na próspera fábrica da Zeiss e, com dinheiro emprestado pela irmã, embarcou

configurado, provavelmente, como diferente sob muitos aspectos, e menos primitivo e rústico na sua totalidade, do que é em geral hoje o caso, devido à forma de observação empregada [...]” (Nimuendajú 1987 [1914], p. 110). Ao pretexto disso, sua pesquisa de campo exigia duas condições básicas: uma estadia razoavelmente longa e um trabalho solitário, que facilitasse sua incorporação. Em outras palavras, ele não procurava simplesmente “viver entre os índios”, mas viver entre os índios “como índio” (Welper, 2002).

sozinho, armado de uma pistola e um rifle Winchester, um dos símbolos da conquista do *American West* (ver Foto 1 na seção iconografia, neste número).

As melhores informações sobre as aspirações e expectativas de Curt Nimuendajú por ocasião de sua viagem ao Brasil aparecem nos depoimentos de seus amigos e familiares, que definiram essa viagem como a realização de um sonho de infância, pois, desde muito cedo, o menino Curt se ocupava “exclusivamente” com índios e mapas. Quando não estava na Sala de Leitura de sua cidade estudando intensamente revistas e mapas geográficos, liderava “brincadeiras de índios” que incluíam expedições de caça e acampamentos pelos arredores de sua cidade natal (Cappeller, 1963, p. 14).

Sabemos que, desde sua chegada a São Paulo, Curt Unkel manteve seus familiares e amigos de Jena, muito bem informados sobre seu paradeiro e suas atividades no novo país. Entretanto toda essa correspondência que, ao menos com sua irmã, estendeu-se por quase 40 anos – e que poderia, assim, mostrar-se como uma fonte privilegiada de informações sobre o período –, foi em grande parte destruída ou encontra-se perdida.

Do período em que residiu em São Paulo, apenas duas cartas e um postal enviados por Curt Unkel em janeiro de 1904 escaparam desse fim, pela casualidade de terem permanecido na documentação particular dos amigos que os receberam. As duas primeiras foram recuperadas e comentadas por Fritz Cappeller (1963); o cartão postal, por sua vez, encontra-se reproduzido num artigo recente de J. Born (2008).

Ainda que escasso, esse material tende a corroborar a ideia de que Curt Unkel chegou ao Brasil movido por um espírito mais explorador e aventureiro do que empreendedor. Na primeira carta de doze páginas datada de 06/01/1904 e escrita para o amigo Max, Curt pedia que este localizasse, nos mapas da “Sala de Leitura” de Jena, o bairro do Cambuci (localidade de onde provinha a carta e que na época era ocupado por fazendas e plantações) e a “aldeia Ipiranga”, onde se encontrava o Museu Paulista. Comunicava também que, com muito custo, havia conseguido comprar um cavalo (outro elemento icônico do *American West*), mas que interrompera uma expedição para o interior do país “[...] porque o calor tórrido e a luz ofuscante na planície desarborizada lhe provocavam, terríveis dores oculares, fazendo com que não conseguisse mais enxergar direito [...]” (Cappeller, 1963, p. 16. Tradução minha). Na segunda carta, escrita apenas quatro dias depois (10/01/1904), Curt pedia ao mesmo amigo Max que não lhe enviasse mais cartas porque seguiria para “[...] uma expedição do engenheiro Dr. Lacerda que pretende pesquisar o rio Feio e soltar um missionário capturado pelos índios Coroado. Ele necessita de um número de sujeitos bem armados e, como tal, participo.” (*apud* Cappeller, 1963, p. 17. Tradução minha).

No cartão postal enviado na mesma data desta última carta (10/01/1904) ao vizinho e funcionário da Zeiss, Fritz Topfer, Curt manda uma última sau-

dação à família do colega, informando que provavelmente deixaria São Paulo e seguiria para Lençóis Paulista, como membro de uma escolta armada em uma expedição que pesquisaria o curso do rio Feio: “Se eu volto de novo para São Paulo é muito questionável” (Born, 2008, p. 21, tradução minha). Nada mais possuímos de Nimuendajú sobre esse período (1904-1905), e ainda não foi possível identificar o tal “engenheiro Lacerda”, mas devemos notar que o missionário referido na carta de 10/01/1904 (Monsenhor Monteiro Claro) fora assassinado pelos Coroados em 1901.

A lista que Nimuendajú fez de suas atividades etnográficas para Herbert Baldus (1946) inicia-se em 1905, com os serviços prestados à Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (CGGSP), no Oeste deste estado. Schaden (1968) informou que ele teria atuado como “ajudante de cozinheiro”, mas o próprio Nimuendajú não forneceu maiores detalhes sobre essa experiência que lhe pôs em contato com os Apapocuva Guarani, de forma que apenas os documentos produzidos por aquela instituição nos permitem reconstruir parte dessa experiência.

A CGGSP havia sido criada em 1886, com o objetivo de intensificar o conhecimento da região compreendida entre os rios Paranapanema, Paraná e Tietê, um território que aparecia na cartografia da época como terreno desconhecido ou desabitado. De início, enquanto esteve dirigida pelo geólogo Orville Adelbert Derby, a Comissão se destacava como uma instituição de pesquisa fortemente influenciada pelas ciências naturais, que propunha a exploração integrada dos aspectos da geografia, da geologia, da botânica, da zoologia etc. Em 1905, porém, após a substituição do cientista Derby pelo engenheiro João Pedro Cardoso, a Comissão acentuou o seu caráter militar e assumiu um compromisso maior com o desenvolvimento econômico do estado, de modo que as expedições exploratórias a partir desta data intensificaram a pesquisa de recursos naturais e passaram a ter como prioridade atender às solicitações dos cafeicultores. A partir de então, este trabalho foi organizado para ser realizado por quatro turmas, que tomaram a denominação dos rios que lhes serviam como base: Tiete, Paraná, Feio/ Aguapeí e Peixe³.

A turma de exploração do rio Feio (da qual participou Nimuendajú) partiu de São Paulo em 10 de maio de 1905, rumo à cidade de Bauru, que consistia numa espécie de “boca de sertão” por ser o último ponto

³ As partidas dessas turmas foram quase simultâneas, mas elas diferiam no que diz respeito aos seus objetivos específicos. Enquanto nos rios Tietê e Paraná privilegiou-se o levantamento das cachoeiras; nos rios Feio e Peixe a atenção voltava-se para o reconhecimento do ‘sertão’ e a abertura das vias de acesso que permitiriam “arrancar” terra dos índios e entregá-los à “civilização” (Newerlan, 2000, p. 51 [CGGSP, 1910, p. 18], *apud* Figueroa, 2008).

a oeste acessível por ferrovia e estrada. De lá a turma se dirigiu para as zonas limítrofes das fazendas Faca e Acampamento, e começaram as atividades técnicas e exploratórias. A abertura do “Picadão do rio Feio” avançou em meio a ofensivas contra os Coroados, atingindo por fim a marca de 100 quilômetros de extensão, deixando “... aberta a veia para o ingresso do café, das fazendas, dos colonos, dos caminhos de ferro, da urbanização – do ‘progresso’” (Figueroa, 2008)⁴. Dos conflitos com os Kaingang decorridos no curso da exploração sobravam as flechas, arcos e outros objetos que foram enviados ao Museu Paulista, dirigido à época por Hermann von Ihering.

De acordo com a documentação administrativa da CGGSP (basicamente recibos e ofícios de pagamentos), Curt Unkel atuou como “camarada” e “operário” da turma do rio Feio entre 27 de julho e final de outubro de 1905. Não há informação sobre sua contratação, isto é, se fora trazido da capital ou recrutado nas redondezas de Bauru, por onde poderia estar desde a expedição do tal engenheiro Lacerda. Mas certo é que as atividades da CGGSP o levaram até a família de José Francisco Honório Avacauju, capitão guarani que vivia no rio Batalha e que lhe adotou como filho em 1906, pois nas listas de pagamento da Comissão encontram-se nomes dos Guarani que também participavam da expedição.

Com base nos relatórios da CGGSP, devemos considerar que Curt Nimuendajú juntou-se à turma quando esta se encontrava acampada na fazenda de Joaquim dos Santos, último morador daquele sertão. E que seu desligamento ocorreu antes de a turma iniciar a descida do rio Feio, no acampamento do Ribeirão da Lontra, que ficava próximo a uma antiga aldeia Guarani, abandonada nos idos de 1901 e conhecida como aldeia Guaranyuva. Dali temos a fotografia da família de José Honório (ver Foto 7 da seção iconografia, *neste número*), tirada pelo fotógrafo Gustavo Edwall e preservada por Nimuendajú em seu caderno de recortes.

Embora os documentos da CGGSP destaquem algumas razões para a retirada de pelo menos 40 “camaradas” entre os meses de julho e outubro daquele ano (pagamento atrasado, não adaptação às privações da floresta, medo dos índios) e também os escritos posteriores de Curt Nimuendajú critiquem os métodos truculentos da CGGSP (2013a [1908]; 2013c [1910] *neste número*), não podemos descartar a possibilidade de seu desligamento ter sido precipitado pela oportunidade de viver “deliberadamente”, por sua própria conta e risco, junto aos Guarani do rio Batalha, que tinham sido seus companheiros na expedição.

⁴ Uma imagem dos participantes desta expedição reunidos sob o marco do picadão pode ser vista na Foto 5 da “seção iconografia”, *neste número*.

Sobre esse período, a trajetória de Curt só pode ser recuperada pelas informações dispersas em sua obra.

Em meados de 1905, quando Curt veio a conhecer os Guarani, o grupo somava cerca de 60 pessoas divididas entre as lideranças de Ponõchi e a do capitão José Francisco Honório Avacauju (Nimuendajú, 1987 [1914]). Este último, porém, estava decidido a abandonar a aldeia na barra do Avari, e Curt Unkel juntou-se à família deste capitão, ajudando-o na escolha do lugar, ou talvez como já pensasse na remoção desses índios para algum tipo de reserva indígena, inspirado pela política indigenista norte americana. Nimuendajú era favorável à ideia de retornarem para o local da aldeia Guaranyuva, o antigo estabelecimento Guarani na margem do rio Lontra; mas, após verificarem que aquele território estava nas mãos dos índios coroados desde a morte do padre Claro Monteiro do Amaral, incentivou a mudança para Araribá, onde, há alguns anos, os Guarani haviam adquirido algumas terra. Mas daí eles logo foram expulsos por um coronel e voltaram a se espalhar pelo rio Batalha, onde caíram nas mãos de um afamado explorador de índios, Chico Mestre. Com insistência, Curt Nimuendajú (2013b [1908], p. 29, *neste número*) conseguiu convencer a família do capitão José Honório Avacaujú a voltar para o rio Araribá, a fim de queimarem e plantarem sua roça. A partir de então, porém, o grupo enfrentou uma existência “miserável”, sendo acometido, em maio de 1907, por uma epidemia de malária (febre palustre) e disenteria que se estendeu pelo resto do ano.

Talvez por essas condições, Nimuendajú tenha interrompido a sua convivência com o grupo que lhe adotou formalmente e retornado para a capital, mais precisamente para o bairro de Vila Leopoldina, de onde assina seu primeiro artigo no jornal *Deutsche Zeitung* (“Mais uma vez a questão indígena”, *neste número*), em novembro de 1908. É o próprio Nimuendajú que nos informa que, após sua saída do Araribá em meados de 1907, ele só retornaria para a “sua aldeia” em 1911, por meio do Serviço de Proteção aos Índios, do qual, como funcionário apenas veria os Apapocúva “ocasionalmente”, pois na “maior parte dos anos seguintes, esteve entre os Kaingang, Ofaié (Xavante) e Chane (Terená)” (1987[1914], p. 3).

Pouco mais de quarenta anos depois de sua estadia entre os Apapocúva Guarani, Egon Schaden, porém, encontrou entre estes uma recordação bastante “viva” de Nimuendajú como um “benfeitor” e “defensor” dos índios, alguém “... que sempre e em toda a parte tomava as dores de seus irmãos de tribo” e que chegou a instalar no Araribá uma escolinha de primeiras letras para ele próprio alfabetizar as crianças” (Schaden, 1960). O fato de encontramos no arquivo de Nimuendajú do Museu Nacional, como único documento do triênio inicial no Brasil, a cartilha de alfabetização de José Honório Avacaujú (1907), indica a importância que teve tal experiência na vida do etnógrafo,

que preservou esse manuscrito entre seus cadernos e diários de campo por quase quatro décadas.

Não obstante a importância dessa sua experiência pessoal entre os Apapocúva, antes de trazer à luz o relato sobre o seu batismo, que já estava presente no manuscrito de 1908 (“Apontamentos sobre os Guarani”, 2013b [1908], neste número), ele inaugurou sua série de artigos no *Deutsche Zeitung* com o texto “Mais uma vez a questão indígena” (1908), em que se ocupou em combater as ideias de extermínio do índios do interior paulista propagadas por Von Ihering, diretor do Museu Paulista. Seus argumentos eram tão fundamentados, e o seu conhecimento de causa e etnográfico tão evidente, que Ihering passou por cima das diferenças para beneficiar-se das qualidades de seu compatriota, pois menos de seis meses depois da publicação do artigo, ele contratou Nimuendajú como jardineiro do parque do Museu e, logo depois, como “naturalista” para fazer uma expedição etnográfica aos índios Oti-Xavantes de São José dos Campos Novos.

O Museu Paulista era uma extensão da Comissão Geográfica e Geológica, criado para abrigar o material de pesquisa coletado no curso das explorações. É provável, portanto, que as relações entre a Comissão e o Museu Paulista tenham promovido uma aproximação entre o jovem imigrante Curt Unkel e o cientista H. Von Ihering, mas certamente não foi em função da sua breve atuação na turma do rio Feio que Ihering encarregou Nimuendajú, “amigo entusiasta e bom conhecedor dos índios” (Ihering, 1911, p.14), de realizar o estudo etnográfico e registro fotográfico dos índios Oti-Xavantes. Havia em suas mãos, além do artigo no *Deutsche Zeitung*, um rico manuscrito sobre a história dos Guarani, que muitos anos mais tarde foi traduzido e publicado por Egon Schaden sob o título de “Apontamentos sobre os Guarani” (2013b [1908], neste número)⁵.

A viagem de Nimuendajú a São José dos Campos Novos, porém, esteve longe de corresponder às expectativas de Ihering, que avaliou como resultado mais importante dessa expedição a “[...] verificação da diferença linguística existente entre os Chavantes de S. Paulo, atualmente extintos e os de Mato Grosso” (Ihering, 1911, p. 139) e o mapeamento de tribos vizinhas aos Oti, apresentado na estampa VII do respectivo volume da Revista do Museu Paulista, sob o título: “Mapa Ethnográfico do Brasil meridional, organizado por H. v. Ihering”. A respeito deste último, Ihering chama atenção para a importante ajuda de Nimuendajú:

De especial auxílio me foi o Sir. Kurt Unkel, amigo entusiasta e bom conhecedor dos Índios, a quem muito agradeço o me ter desenhado

⁵ Egon Schaden, que realizou a tradução do manuscrito, informou que o mesmo fora encontrado no Arquivo do Museu Paulista e não teria sido publicado na época em que foi escrito, “pois eram vivas algumas pessoas em apreço” (1954, p. 9)

o presente mappa. Da sua expedição em serviço do Museu no anno passado, e para o sudoeste do Estado de S. Paulo, provieram novas e importantes informações, que vieram corrigir em parte as anteriores. (Ihering, 1911, p. 139)

Mas Nimuendajú não parece ter ficado satisfeito com a omissão de seu nome junto à estampa do mapa, tendo em vista que, em publicações e cartas posteriores, acusou Ihering de tê-lo publicado sem fazer indicação do autor (Nimuendajú, 1987 [1914], p. 187).

Curt Nimuendajú menciona a realização desta expedição no texto “O fim da tribo Oti”, *neste número*, mas não nos fornece ali qualquer detalhe sobre a condução da mesma. Herbert Baldus, que teve acesso ao diário de campo (“inédito”) desta viagem, apenas mencionou o roteiro da viagem: “[...] em 09 de agosto de 1909, foi para Campos Novos, em 12 do mesmo mês para Platina, e em setembro para Indiana, passando de 15 de setembro a 19 de outubro em Porto Tibiriça.” (Baldus, 1954, p. 83). Um pouco mais sobre ela pode ser extraído de uma carta escrita pelo naturalista E. Garbe para Ihering em 12/11/1909. Neste documento Garbe atribui o fracasso da expedição a um certo amorismo de Nimuendajú, manifestando pouca simpatia pelo jovem “naturalista”.

No que se refere à viagem do senhor Unkel, ele teve a mesma sorte, como aquela do Dr. Bach ao rio Juruá. Mais um sinal, que numa viagem demorada, não se deve ir sozinho. O homem, como ouvi dizer, naquela ocasião, não tinha mais dinheiro para a viagem. Se a gente tem um bom cavalo cuida dele como se deve, não exigindo demais, ele não morre, desde que se tenha comprado um bom animal. Isto não quer dizer, que não se possa ter azar. Mas, permitir que se tome a sua arma? Bem, isto não é da minha conta. Que suas pertencas foram roubadas, se explica, o que um homem sozinho vai fazer contra um bando de índios. Que ele tenha que receber ajuda está certo, mas, que seja usado dinheiro reservado para a minha viagem, eu não acho correto. (Carta de Garbe para Ihering escrita de Macaé, 12/11/1909, Arquivo do Museu Paulista)

Após a sua expedição etnográfica aos Oti xavantes, em fins de 1909, Nimuendajú retornou para a capital paulista, de onde acompanhou a criação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN). Numa coleção de recortes de jornais da época feita por ele e preservada em seu arquivo, encontramos dezenas de notícias a respeito do tema. No mês seguinte à criação do órgão, ele publicou dois novos artigos no *Deutsche Zeitung*, e vale destacar que, no segundo deles (“Quanto à questão coroadó”, *neste número*), ele explicita o desejo de que suas palavras chegassem “até o lugar competente”, para que se pudessem, finalmente, evitar extermínios como os que levaram ao fim da tribo Oti. Dois meses depois dessa publicação, o jornal O Estado de S. Paulo (17/09/1910) publicou uma pequena nota

de procura por Curt Nimuendajú (“Curt Nimuendajú. Deseja-se falar a este senhor; informações nesta redação”), indicando que talvez tenha sido este o meio através do qual o SPI procurou fazer contato com o misterioso etnógrafo.

Sobre a entrada de Curt Nimuendajú no SPI temos o testemunho de Clemens Brandenburger (1879-1947), um historiador alemão que morou no Brasil e escreveu uma série de artigos para os jornais e almanaques teuto-brasileiros. De acordo com este pesquisador, Nimuendajú acabou aceitando o convite “quando o Serviço de Proteção aos Índios de São Paulo quis levá-lo para a mata” porque era uma daquelas pessoas “que não aguentam ficar quietas em lugar nenhum” e “nem a grande cidade de São Paulo, nem o trabalho no jornal eram de seu agrado” (Carta de Brandenburger para Koch-Grünberg, diretor científico do Museu Etnológico de Stuttgart, 28/08/1920 *apud* Krauss, 2010). Com quase toda certeza, o jornal a que se referia Brandenburger era o *Deutsche Zeitung*.

As atividades de Nimuendajú como “auxiliar do sertão” pelo Serviço de Proteção aos Índios começaram provavelmente por volta do final do ano de 1910 e início de 1911, junto aos Guarani do litoral de São Paulo. Depois ele atuou na pacificação dos Kaingang e por fim na concentração das “hordas Guarani” (Apapocúva, Oguauíva e Tañyguá) na Povoação Indígena do Aribá. Em 1913, seu último ano de residência em São Paulo, Nimuendajú atuou entre os Ofaié, Guarani e Kaiowa do sul de Mato Grosso e entre os Kaingang dos rios Tibagi e Ivaí, no estado do Paraná.

No curso desses anos como funcionário do SPI, Nimuendajú prosseguiu coletando dados sobre a história, a língua e a religião dos índios que visitava, em especial, dos Guarani, e assim engordou o manuscrito de 1908, que acabou sendo publicado em 1914, sob o título de *As Lendas da Criação e Destruição do Mundo como Fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani*. Essa monografia inaugural revelava o talento singular deste pesquisador, além de fazer que o discurso religioso guarani se tornasse assunto favorito na investigação etnológica desse grupo (Pompa, 2004). Ao falar da “terra sem mal” e sugerir que as migrações iniciadas no século XIX pudessem ser interpretadas como um fenômeno de natureza religiosa e não bélica, Nimuendajú levantou uma hipótese que foi transformada por Alfred Métraux em prova histórica, fornecendo material para toda uma geração de pesquisadores que se apoiaram nesta ideia (Melià, 1990). Como veremos agora, Nimuendajú parece ter tirado a inspiração para esse olhar sobre a natureza religiosa das migrações guarani da etnografia dos índios norte-americanos, em especial de seus movimentos “messiânicos” (veja nota 26, Nimuendajú, 1987[1914], p. 71).

Nimuendajú e os índios americanos

As lembranças trazidas pelos amigos de Curt Nimuendajú revelaram um jovem atraído por aventuras e com um manifesto interesse por terras distantes e desconhecidas – em especial aquelas da América do Norte (Cappeller, 1963). Essas características, todavia, não eram excepcionais entre os jovens de sua geração, mas, ao contrário, eram comuns à grande massa de leitores que fez dos romances de *Far West* e *peles vermelhas* um dos gêneros mais populares da literatura alemã no último quartel do século XIX.

Na Europa, os escritos de François-René de Chateaubriand (1768-1848), discípulo de Rousseau, e do americano Fenimore Cooper (1789-1851), que teve seus livros publicados quase que simultaneamente naquele continente, disseminaram a imagem do Novo Mundo como “*an Arcadia inhabited by Noble Savages possessed of Edenic manners and civilization*”, e seduziram muitos leitores e aventureiros (Cracroft, 1987, p. 160).

As primeiras novelas de Chateaubriand (*Atala*, 1801, e *Rene*, 1802) foram inspiradas na viagem que o escritor fez a América do Norte, em 1791, e tiveram como personagem principal René, um jovem francês desiludido que se juntou a uma tribo de índios Natchez, onde acabou por se casar. Certa noite, René pede a seu pai adotivo, Chactas, que lhe conte a história de sua vida. E assim se desenrola a trama que começa com a morte do pai de Chactas e termina com o suicídio de sua amada Atala⁶. Alguns anos mais tarde, apareceram as novelas de James Fenimore Cooper (1789-1851): *The Pioneers* (1823), *The Last of the Mohicans* (1826), *The Prairie* (1827), *The Pathfinder* (1840) e *The Deerslayer* (1841)⁷. Elas tinham como personagem principal Natty Bumpp, um iletrado homem da fronteira, que na sua infância órfã foi educado por missionários Moravianos e passou a sua adolescência entre os índios, situação que lhe fez aprender muitas línguas nativas.

Em comum, esses autores descreveram jornadas de desbravamento de territórios indígenas, perseguições e captura de civilizados, mas, sobretudo, insinuaram a possibilidade de amizade sincera e amor verdadeiro entre brancos e peles vermelhas. Numa época de vigoroso romantismo, as obras de Cooper e Chateaubriand tornaram-se imensamente populares e espalharam identificações sentimentais com os índios das planícies e pradarias norte-americanas por toda a Europa. Mas ainda que esse entusiasmo pelo *American West* tenha se generalizado por todo o continente europeu, foi na Alemanha que ele se manifestou de forma aparentemente mais notável, fazendo com que a “fronteira americana”

⁶ Em 1826 Chateaubriand publicou *Les Natchez*, obra que ele começou a compor entre os anos 1793-1799.

⁷ Formaram a série *The Leatherstocking Tales*.

se tornasse um dos domínios de fantasia mais atrativos para os romancistas alemães do século XIX (Cracroft, 1987; Camurat, 1993; Zantop, 2002)⁸.

Na literatura alemã, a resposta ao mito do oeste explorado nas novelas de Chateaubriand e Fernimore Cooper veio numa série de “imitadores”, que fizeram com que as histórias de aventura no *west* se tornassem parte constitutiva da leitura recreativa dos alemães no século XIX (Ashliman, 1969 *apud* Cracroft, 1987, p. 161). Foram centenas de autores de língua alemã produzindo um conjunto literário de ficção *western* que influenciou nas atitudes de toda uma geração de alemães e consolidou um fenômeno de identificação por coisas de índios, que chega aos dias de hoje na forma de um fenômeno cultural conhecido como *indian hobbyism*⁹.

Um dos primeiros e mais importantes desses autores foi Karl Postl (1793-1864), um ex-monge moraviano que escreveu sob o nome de Charles Sealsfield, mantendo sua identidade em segredo até a morte. Charles Sealsfield foi pela primeira vez para a América em 1823 e, entre 1829 e 1844, produziu uma série de romances sobre a vida neste continente. Os índios tiveram destaque em sua primeira obra, *Tokeah: or the White Rose* (1829), que adaptava o tema da captura por índios e expressava simpatia pela política de remoção dos índios inaugurada pelo governo de Andrew Jackson. A versão alemã foi publicada em 1833, sob o título, *Der Legitime um die Republikaner*, e nela Sealsfield acentou o discurso governista a favor da expansão da agricultura, ideia que os historiadores modernos consideravam como falso pretexto para a remoção de índios (Sammons, 2002, p. 187).

Na trilha de Charles Sealsfield vieram muitos outros autores que transformaram as realidades da vida na América do Norte em fantasias ficcionais

⁸ Embora o desejo de personificar características de outros tempos e grupos étnicos não tenha sido uma exclusividade alemã, parece que o entusiasmo e a identificação com coisas de índios floresceram particularmente neste país. Peter Bolz atribui esse entusiasmo a um enraizado desejo por liberdade política durante a opressão política e econômica dos séculos XVIII e XIX. Zantop e Gemünden estabeleceram uma conexão similar, relacionando um senso coletivo de inferioridade e uma coletiva identificação com os índios que remontaria ao século XVIII. Lutz, por sua vez, enxerga nessas identificações sentimentais dos alemães com os índios americanos uma ligação com a luta germânica por um território e identidade nacionais no século XIX. Lutz argumenta que os “índios de papel” tiveram uma função redentora para os alemães que durante o século XIX procuraram por uma ficção fundadora que lhes permitisse aceder ao sentimento de uma missão nacional, um destino e uma identidade. Ele propõe que textos de Tacitus (Germânia, por exemplo) e personagens heroicos como Sigfried Nibelungen, enfatizariam a origem tribal e selvagem dos alemães (Zantop, 2002, p. 4-10).

⁹ O termo *indian hobbyism* é utilizado para designar um amplo conjunto de interesses não profissionais dos europeus pelos índios norte-americanos. Calcula-se que nos dias de hoje existam cerca de 40 mil *hobbyists* na Alemanha, isto é, pessoas associadas a clubes indigenistas e que participam regularmente de festas e eventos que procuram reproduzir a vida das aldeias de índios norte-americanos no século XIX, ou ainda, as aventuras indígenas descritas nos romances indianistas, como é o caso do grande *Karl May Festival* (Sammons, 2002, p. 191).

para os alemães, entre os quais Otto Rupp (1819-1864), Friedrich Armand Strubberg (1806-1889) e Friedrich Gerstäcker (1816-1892), que é reconhecido como o primeiro escritor de puro *western* e exerceu considerável influência nos sonhos dos alemães candidatos a emigrar para a América (Cracroft, 1987, p. 163).

Friedrich Gerstäcker foi para os Estados Unidos pela primeira vez em 1837 e ali permaneceu por seis anos, na maior parte do tempo como desbravador no Arkansas. Seu primeiro livro *Steif- und Jugdzüge durch die Vereinigten Staaten Nord Amerikas* (1844) foi publicado quando retornou à Alemanha e deu início a uma série de volumes sobre a fronteira norte-americana. Seus textos misturavam as experiências de suas viagens pelo país com informações oriundas de um interesse particular sobre o mundo *fora da lei* (Sammons, 2002, p. 188-189).

Este autor procurou contestar as imagens preestabelecidas sobre o oeste americano mostrando um território onde fazendeiros e homens da fronteira viviam no limite da justiça. As suas novelas mais populares *Die Flusspiraten des Mississippi* (*Os piratas de rio do Mississippi*, 1848), *Die Moderatoren* (s.d.) e *Die Regulatoren in Arkansas* (1846), exploravam aventuras sangrentas de perseguição, fugas e recompensas (Cracroft, 1987, p. 163). Em *Die Rache des weissen Mannes* (*A vingança do homem branco*, 1846/7) abordou a incidência de doenças e epidemias em populações indígenas, narrando a história de um índio que é exposto à varíola entre os brancos e depois retorna para infectar a tribo inteira. O popular tema da captura e adoção por peles vermelhas é explorado em *Civilization und Wildniss* (1854) onde um homem branco que foi criado por índios é reunido à sua família biológica, mas decide retornar à sua vida com a tribo. Na história *In der Prärie* (1979) – notem a semelhança com o título de Cooper – Gerstäcker pretendeu expor a imagem do índio subversivo, descrevendo um episódio de ataque indígena a uma ferrovia (Sammons, 2002).

Outro grande nome da literatura *western* alemã foi Balduin Möllhausen. Sua primeira novela, *Die Halbindianer* (*O meio-índio*), apareceu em 1861 e foi seguida por uma série de 178 relatos de viagens, narrativas, novelas e livros que, de tão amplamente lidos, tornaram-lhe o escritor mais popular na Europa durante as décadas de 1860-1870 (Cracroft, 1987). Balduin Möllhausen foi para os Estados Unidos em 1849-50 e, na função de desenhista, participou de várias expedições pelo território norte-americano. Entre 1853-54, ele fez parte de uma expedição para explorar as rotas e navegabilidade do rio Colorado, fazendo dele um dos primeiros exploradores do Grand Canyon. Antes disso, porém, Möllhausen já havia se consagrado como uma “autoridade” da vida do *wild west*, por ter sobrevivido aos eventos que deram fim à expedição científica do Duque Paul William Wurttemberg à região das Montanhas Rochosas. Após ter escapado de ataques de índios e doenças causadas pelo frio excessivo, Möllhausen foi deixado sozinho na planície do Nebraska, à espera do resgate

que primeiro tratou da remoção do Duque. Sozinho, Möllhausen foi obrigado a se esconder e matar dois índios maraudianos que o perseguiram, sendo subsequentemente recolhido e cuidado por outros índios que lhe ofertaram duas esposas. Essa experiência, que provava sua força e sorte, repercutiu pelo resto de sua vida e parece ter contribuído para o sucesso de sua carreira literária (Sammons, 2002, p. 187).

É, porem, Karl May (1842-1912) que supera a todos esses escritores no quesito popularidade, chegando aos dias de hoje como figura proeminente na formação das imagens e representações que os alemães fazem dos índios norte-americanos (Cracroft, 1987; Bartelt, 1996; Zantop, 2002; Kimmelman, 2007). Ao contrário dos escritores anteriormente citados, Karl May concebeu seus personagens e histórias de faroeste sem ter nunca pisado em solo norte-americano. Apesar disso, May conseguiu dar uma impressão de experiência real, utilizando a narrativa em primeira pessoa e fornecendo uma descrição detalhada da natureza e costumes locais. Para descrever esse “autêntico” *American West*, ele combinou a leitura extensa de seus antecessores (Seasfield, Möllhausen e Gerstäcker, entre outros), com uma intensa pesquisa em jornais e revistas de geografia (Cracroft, 1987, p. 164; Sammons, 2002, p. 189).

A partir de 1875, Karl May publicou mais de 70 livros, dos quais mais da metade tem como cenário as pradarias e planaltos americanos, e o sucesso de suas histórias de aventuras passadas entre os índios fizeram dele o escritor de livros juvenis mais popular da Alemanha nos últimos 15 anos do século XIX (Camurat, 1993; Cracroft, 1987). Talvez tenha se beneficiado da grande atenção que se dava naquele momento ao encontro entre alemães e índios, através das turnês de *West Shows Indians* (as de Bufallo Bill, por exemplo) e das expedições científicas, em especial a de Franz Boas aos Inuit, financiada e noticiada pelo jornal *Berliner Tageblatt*.

Na sua obra mais popular, *Winnetou* (1893, com três volumes), Karl May descreve a leal amizade entre Old Shatterhand, um jovem escritor alemão que viajou para os Estados Unidos movido por uma “febre de aventuras”, e Winnetou, um nobre chefe Apache que o toma como “irmão de sangue”¹⁰. Karl May reproduziu a imagem popular dos índios americanos como uma “raça

¹⁰ Quando o personagem Old Shatterhand chega ao oeste americano não é ainda conhecido por este apelido, que lhe viria a ser dado em razão de sua força e habilidade com as armas. É descrito apenas um jovem católico de finas maneiras, chamado Karl, que se abriga na casa de uma família alemã onde permanece como preceptor. Junto a esta família conhece Mr. Henry, um famoso armeiro que logo percebe em Karl as qualidades de um incomparável *westman*, e empenha-se em mandá-lo para o oeste brávio, como agrimensor da companhia ferroviária. Nessa empreitada ele conhece Sam Hawkens, um “afamado homem do oeste” que ali atua como guia. Sam se afeiçoa a Karl e o treina para a vida no oeste. Em meio à missão de exploração da *railway*, Old Shatterhand vem a conhecer o cacique Intschu-Tschuna e seu filho Winnetou, num episódio cheio de brigas que acaba na prisão desses dois peles vermelhas. Old Shatterhand os liberta e, após outras peripécias, o branco acaba tornando-se irmão de Winnetou.

em extinção”, tragicamente assassinada pela civilização, e sua obra contém os elementos iluministas que alimentaram o entusiasmo germânico pelos índios, bem como a atração erótica dos colonizadores pelo Outro (Zantop, 2002, p. 3-4). Em essência sua fantasia sobre Winnetou e Old Shatterhand reelencia outras histórias bem familiares (como as de Rene e Chactas, John Smith e Pocahontas, Robinson Crusoe e Sexta feira) por imaginar uma relação de afeto entre europeu e nativo. Mas particularmente, sugere que os alemães – diferentemente de ingleses, franceses e americanos – seriam mais capazes de estabelecer um relacionamento de mútuo reconhecimento e colaboração com os índios. No entanto seu herói pele vermelha correspondia a arquétipos românticos da cultura germânica e tinham pouco a ver com a verdadeira cultura nativa americana (Camurat, 1993; Kimmelmann, 2007). Winnetou é mais do que um índio, ele é um “semideus índio”: bonito, educado, sensível, que surpreendeu Old Shatterhand em seu primeiro encontro por portar, ao invés de armas, o livro *Hiawatha* do poeta Longfellow:

Há pouco, quando Winnetou se aproximou de mim, quis vê-lo; estava, porém, exausto e o organismo não me obedeceu ao desejo. Agora, porém, que o ouvia, procurava reagir e abri os olhos; vi o jovem cacique a meu lado; ostentava um traje de linho e achava-se desarmado; trazia às mãos um livro, cujo título, em letras douradas, consegui ler: *Hiawatha*. Portanto esse índio, filho de um povo selvagem, sabia ler, era dotado de sentimentos artísticos e amava as coisas elevadas. Os versos de Longfellow nas mãos de um apache! Era coisa que nunca imaginara ver, nem em sonhos! (May, 1966, p. 139).

Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882) foi um dos primeiros escritores norte-americanos a ter como tema as histórias nativas desse continente¹¹. *The Song of Hiawatha* (1855) – sua obra mais popular – descreve a saga de Hiawatha, um grande líder iroquês que influenciou a formação da Confederação dos Povos Iroqueses em 1550. A narrativa que segue do nascimento à morte de Hiawatha não resultou de qualquer contato direto com os índios, mas foi baseada nos mitos coletadas por outros viajantes da América, como o geólogo Henry Rowe Schoolcraft e também o pintor George Catlin (Day, 1987, p. 645).

Assim como F. Cooper, George Catlin exerceu grande influência na forma como os americanos imaginaram e vivenciaram o *West* e como outros artistas vieram a representá-lo (Master, 2005, p. 66). Mas o impacto de sua obra atravessou o Atlântico e acabou por produzir, na maioria dos países europeus, uma literatura *western* ainda mais extensa do que aquela de sua terra natal (Cracroft, 1987).

¹¹ Caracterizada por elementos românticos a obra de Longfellow expunha “uma visão pessimista da História na qual tudo está condenado a agonizar e perecer” e manifestava um característico interesse por terras desconhecidas e povos exóticos, bem como certo questionamento do cristianismo (Carpeaux, 1981, p. 1421-1424).

George Catlin começou a sua jornada em 1830, acompanhando uma missão diplomática em território indígena no rio Mississipi. Em 1838, ele retornou para a cidade, trazendo consigo cerca de 500 pinturas e uma significativa coleção de artefatos indígenas. Com esse material ele organizou a sua *Indian Gallery* e viajou com ela pelo país, empenhando-se em vendê-la para o governo americano. A venda não se realizou e, em 1839, ele levou a sua coleção para as principais capitais europeias, publicando logo depois a obra *Manners, Customs and Condition of the North American Indians* (1841). Em 1852, após vender a sua coleção para um industrial americano, ele decidiu ir à procura de uma suposta mina de ouro abandonada em algum lugar da serra de Tumucumaque, entre as Guianas e o Brasil. Após sete anos de viagem pela América Central e do Sul, retornou ao oeste norte-americano e depois se dedicou à carreira de escritor. O registro desses últimos anos apareceu em *Last Rambles Amongst the Indians of the Rocky Mountains and the Andes* (1868) e *My Life Among the Indian* (1875) (Masters, 2005; Porro, 2010).

A obra de G. Catlin é marcada por uma ambivalência epistemológica que tem sua raiz numa certa tendência do romantismo norte-americano – aquela que representava o oeste como um espaço a ser experimentado e reverenciado em estado de êxtase – e na expectativa pelo conhecimento enciclopédico (que reduzia o espaço a uma série de espécies e paisagens a serem catalogadas pela mente racional). Por isso se, por um lado, temos o defensor da autonomia indígena, por outro, encontramos o apoiador do trabalho missionário, defensor da política de remoção e também promotor da exibição de índios vivos pela Europa (Masters, 2005). Mas, apesar de seu esforço descritivo ter o intuito de mostrar como os nativos americanos realmente pareciam e viviam, George Catlin nunca se preocupou em registrar com precisão suas fontes, itinerários e datas (Porro, 2010). Tampouco forneceu uma visão diferente daquela que caracterizava os peles vermelhas como “filhos da natureza”, mas sua perspectiva problematizava o contexto das relações desses povos com a sociedade envolvente:

Eles [os índios] não possuem o conhecimento e arte do homem civilizado, eles são fracos, estão na ignorância da natureza, mas todos reconhecem o Grande Espírito. No relacionamento com as pessoas civilizadas eles são como órfãos. Os governos que tratam com eles assumem sua guarda chamando-os sempre de seus ‘filhos vermelhos’; e eles, por sua natureza infantil, chamam todos os oficiais do governo de seu país de Pai; e o presidente dos Estados Unidos, de seu “Grande Espírito”; e sempre que tiverem o prazer de apertar as mãos de um pequeno garoto branco, ou garota (como seria o caso se eles pudessem te pegar pelas mãos) o relacionamento é sempre esse de ‘irmão e irmã’. (Catlin, 1875, p. 19, tradução minha)

Embora Nimuendajú nunca tenha explicitado o papel dessa literatura *western* na formação do seu interesse etnológico, sua biografia e escritos

etnográficos revelam pistas que apontam nessa direção. No manuscrito de 1908, “Apontamentos sobre os Guarani” (2013b [1908], p.42, *neste número*), Nimuendajú nota a semelhança entre a melodia dos Blackfeet de Montana e a reza guarani *nhanderu porai*¹². E na monografia Apapocúva (1987 [1914], p. 71) aproxima o caso da relação dos Guarani com a religião cristã à situação descrita para os Chipewa no último canto do poema *The Song of Hiawatha* de Longfellow¹³, comparando depois a descrença dos Guarani no futuro com a crença messiânica do profeta Smohalla entre os índios do alto rio Columbia, em Idaho e Washington, citando a obra de James Mooney, *Ghost Dance Religion* (1896).

A referência mais representativa da importância da literatura *western* para Nimuendajú, porém, aparece no artigo “Quanto à questão Coroadó” (2013c [1910], *neste número*). Nele, Nimuendajú reporta-se a George Catlin, um dos grandes personagens da *westmania* que se autoproclamava o historiador das tribos “não contaminadas” (Masters, 2005), para demonstrar a incidência generalizada da lenda dos “índios brancos” e rebater a ideia de que a existência de “pessoas claras entre povos selvagens” significasse necessariamente a intromissão de civilizados na geração de crianças (Nimuendajú, 2013c [1910], *neste número*). Para isso ele cita as observações de George Catlin na tribo dos Mandan, no grande arco do Missouri, “onde ocasionalmente apareceriam pessoas de pele clara e também de olhos claros, embora naquele tempo a mistura de sangue fosse impossível” (Ibid.).

Na última publicação de Catlin, *My Life Among the Indian* (1875), produzida por encomenda para ser “um livro para jovens leitores de fatos sobre as características e o estado dos índios americanos” (Catlin, 1875, p. v), esse autor nos oferece uma informação bastante pontual sobre a aparência clara de alguns indivíduos, mas sua interpretação do fato diferencia-se da de Nimuendajú, por supor que essa aparência singular estaria relacionada à presença remota de alguns colonos¹⁴.

¹² “Quero mencionar que os Guarani diante dos quais cantei a melodia de uma dança do lobo dos Blackfeet de Montana imediatamente a reconheceram com *nhanderu porai*” (2013b [1908], p. 42).

¹³ Nimuendajú escreveu: “Ao falar assim, o Guarani não quis absolutamente ridicularizar os esforços catequéticos dos cristãos; ele o fez, para, por seus princípios, ser digno do Grande Pai. Compare-se com Longfellow, o último canto de *The Song of Hiawatha*, em que os Chippewa recebem os missionários.” (Nimuendajú, 1987 [1914], p. 29).

¹⁴ “As mais marcantes singularidades na aparência pessoal deste povo eram aquelas de sua compleição física, e a cor de seus cabelos e olhos. Eu tinha dito antes que cabelo preto, olhos pretos e cor canela eram as características nacionais de todos os selvagens americanos; mas para minha grande surpresa, encontrei entre os Mandans, muitas famílias cujas compleições físicas eram quase branca, seus olhos tinham uma luz azul, e seus cabelos eram de um brilhante, cinza prateado, de infância à velhice.

Eu só posso dar conta deste aspecto singular pela suposição de que alguma colônia de civilizados deve ter se enxertado sobre eles, mas da qual ainda nem a história, nem a tradição, nos fornece qualquer prova positiva.

O equívoco de Nimuendajú nos faz deduzir que, no momento da redação do texto para o *Deutsche Zeitung*, ele não possuísse a obra de Catlin à disposição e que sua leitura tenha se realizado nos anos em que frequentava a “Sala de Leitura” da sua cidade natal. Caso contrário, faria uma citação textual e apropriada ao autor, como o fez no mesmo artigo ao citar Karl von den Steinen, a quem teve acesso pela primeira vez na Biblioteca do Museu Paulista (Schröder, com. pessoal).

Embora rejeitasse todos os termos pejorativos que eram aplicados aos índios, argumentando que tais termos não corresponderiam a uma realidade objetiva, mas sim a uma visão obscura de quem olha de longe, Catlin fez distinção entre duas “classes” de sociedades indígenas: aquelas isoladas da sociedade nacional (“*unprotect*”), e aquelas mais próximas da “civilização, onde se tornam degradados, pobres, e têm o seu caráter alterado pelo ensinamento dos civilizados” (Catlin, 1875, p. 23). Este último tipo de situação, todavia, não chega a ser seu objeto de observação, pois prefere sustentar como fato que “se tratados apropriadamente, os índios americanos estão entre os mais honestos, honrados e hospitaleiros povos do mundo” (Catlin, 1875, p. 22). Nesse sentido, a leitura de Catlin parece ter contribuído para certo tipo de aproximação de Nimuendajú com a política indigenista aplicada pelo Serviço de Proteção aos Índios no oeste de São Paulo. Mas as afinidades entre os dois autores não ficam por aí. Catlin chamava a atenção para a necessidade de apreender o verdadeiro “caráter” e “sentimento” do povo indígena, defendendo que a facilidade no trato com os peles vermelhas dependeria do posicionamento do observador, isto é, da adoção de um modo de agir correto. No livro acima citado, ele enaltece as vantagens que crianças e jovens teriam nesse processo, pois, segundo ele, os índios diante de crianças “[...] jogariam fora as máscaras e a reserva que são induzidos a usar, por suspeitas justamente fundadas, na presença do homem branco” (Catlin, 1875, p. 20).

O fato do interesse etnológico de Nimuendajú ter sido despertado e alimentado por uma literatura que tematizava os peles vermelhas norte-americanos explica em grande medida por que ele entrou em contato com as obras de von den Steinen e outros nomes da etnologia sul-americana somente por ocasião de suas consultas à biblioteca do Museu Paulista¹⁵. Mas por que,

Por ter encontrado várias palavras galesas em uso entre eles; sua canoas de pele arredondadas como um tubo, precisamente como o *coracle* galês, e do modo de construção das suas cabanas como as que se encontram em uso nos dias de hoje nas zonas montanhosas do País de Gales, estou fortemente inclinado a acreditar que esta singularidade foi causada por algumas pessoas da colônia Galesa que desembarcaram na costa norte-americana, e depois de ter vagabundeado para o interior, foram tomadas por esta hospitaleira tribo” (Catlin, 1875, p. 133, tradução e grifos meus).

¹⁵ Egon Schaden disse possuir em sua biblioteca um exemplar do *Die Volker des Erdballs* de Heinrich Berghaus, que fora de Nimuendajú e “[...] serviu-lhe para a sua iniciação autodidática

em vista de sua familiaridade com o contexto norte-americano, não preferiu ele migrar para a aquela parte do continente?

A resposta para isso parece estar na história concreta do *American West* e já, não mais, nas suas narrativas fantasiosas: quando Nimuendajú se achava na idade de fazer seu próprio destino, o oeste americano já se encontrava razoavelmente ocupado, e muitos dos seus principais personagens (Red Bull, Sitting Bull, Buffalo Bill etc.) não mais existiam. Chegara ao fim o tempo dos pioneiros e o que sobrava dos índios estava quase inteiramente relegado às reservas que se criaram entre as fazendas de gado e os trilhos de trem.

Na América do Sul, por sua vez, ainda parecia haver espaço para pioneiros e, não por outra razão, pôs-se Nimuendajú nesse caminho que começava também naquele tempo a ser explorado por “homens da ciência”. Não obstante, poucos são os paralelos biográficos que podemos estabelecer entre Curt Nimuendajú e outros etnógrafos alemães também consagrados na Etnologia brasileira, como Karl von den Steinen, Max Schmidt, Fritz Krause, Paul Ehrenreich ou Theodor Koch-Grünberg. Diferentemente desses doutores que realizaram suas pesquisas etnográficas no curso de trajetórias acadêmicas, amparados por verbas alemãs, o autodidata Curt Nimuendajú teve como condição inicial de pesquisa a imigração definitiva para o Brasil, em 1903, e o emprego junto às instituições “sertanistas” daquela época. Sua postura em campo também lhe distinguia dos eminentes cientistas, aproximando-o dos intuitivos personagens literários, em especial Old Shatterhand. Tal como estes, Nimuendajú evitava se colocar como um estrangeiro fazendo perguntas tolas sobre o hábitos nativos (1987, p. 46 e 92), e procurava construir sua identificação com os índios, participando de seus rituais religiosos, possuindo seus próprios objetos rituais e tendo como principais informantes “irmãos”, “amigos” e “leais companheiros”. Por outro lado, envolvia-se de maneira autoritária para influenciar nas escolhas e decisões nativas que julgava mais prudentes (1987, p. 13 e 43).

A entrada de Nimuendajú na etnologia sul americana o afastou da literatura sobre os nativos norte-americanos, mas não apagou as referências que alimentaram sua inspiração inicial. Em meados da década de 30, quando de passagem pelo Museu de Gotemburgo, deixou ali uma versão traduzida para o sueco do seu texto “O fim da Tribo Oti”, sob o revelador título, “O último dos moicanos em edição sul-americana” (*Den siste mohikanen i sydamerikansk upplaga. Handelstidningen, Göteborg, 30/06/1934*)¹⁶ e, uma década mais tarde,

em etnografia. Em letra caligráfica estão aí numerosas anotações marginais que testemunham a seriedade com que o jovem de então tomou contacto com uma ciência na qual, por seu próprio esforço, haveria de tornar-se mestre de fama universal” (1968, p. 9).

¹⁶ Referência a esse material no artigo de Peter Schröder (2013, neste número).

quando realizou um curso de etnologia para o Museu Goeldi, teve como um dos tópicos de estudo a etnografia norte americana.

Referências

BALDUS, Herbert. Curt Nimuendajú. *Sociologia*, São Paulo, n. 8, v. 1, p. 45-52, 1946.

_____. Os Oti. *Revista do Museu Paulista*, n. 8, p. 79-92, 1954.

BORN, Joachim. Curt Unkel Nimuendajú – berühmt in Brasilien, fast vergessen in der heimat. In: _____. *Curt Unkel Nimuendajú – ein Jenenser als Pionier im brasilianischen Nord(ost)en*. Wien: Praesens Verlag (Beihefte zu Quo vadis, Romania?; 29), 2008.

CAMURAT, Diana. *The american indian in the great war: real and imagined*. Dissertação (Mestrado) – Institut Charles V of the University of Paris VII, 1993. Disponível em: <<http://net.lib.byu.edu/~rdh7/wwi/comment/camurat1.html>>. Acesso em: 20 maio 2013.

CAPPELLER, Fritz. *Der Grösste Indianerforscher aller Zeiten*. Vortrag im Jeaner Intelligenz-Club, 1963.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 2. ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981. v. 8.

CATLIN, George. *Life among the Indians*. London: Gall and Inglis, 1875. Disponível em: <<http://archive.org/stream/indianslifeamong00catrich#page/28/mode/2up>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

CRACROFT, Richard H. World Westerns: the European Writer and the American West. In: _____. *A literary history of the American West*. Western Literature Association (U.S.), Fort Worth: Texas Christian University Press, 1987. Disponível em: <<http://archive.org/details/literaryhistoryo00west>>. Acesso em: 20 maio 2013.

DAY, George F. Introduction. In: CRACROFT, Richard H. *A Literary history of the American West*. Section III: The Midwest. The Western Literature Association (U.S.): Texas Christian University Press, 1987. Disponível em: <<http://archive.org/details/literaryhistoryo00west>>. Acesso em: 20 maio 2013.

FIGUEIROA, Silvia F. de M. 'Batedores da ciência' em território paulista: expedições de exploração e a ocupação do 'sertão' de São Paulo na transição para o século XX. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos [online], v. 15, n. 3, p. 763-777, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000300010>. Acesso em: 20 maio 2013.

GRUPIONI, Luis Donisete B. *Expedições e coleções vigiadas*. Os Etnólogos no Conselho de Fiscalização Artística e Científica no Brasil. São Paulo: HUCITEC/ANPOCS, 1998.

IHERING, Hering von. A Antropologia no Estado de São Paulo. *Revista do Museu Paulista*, [online], São Paulo, n. 7, p. 202-257, 1907. Disponível em: <<http://biblio.etnolinguistica.org/ihering-1907-anthropologia>>. Acesso em: 20 maio 2013.

_____. A questão dos Índios no Brasil. *Revista do Museu Paulista* [online], São Paulo, n. 8, p. 113-140, 1911. Disponível em: <<http://biblio.etnolinguistica.org/ihering-1911-questao>>. Acesso em: 20 maio 2013.

KIMMELMAN, Michael. Fetishizing Native Americans: in Germany, Wild for Winnetou. *Spiegel online international*, 13/09/2007. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/international/fetishizing-native-americans-in-germany-wild-for-winnetou-a-505494.html>>. Acesso em: 20 maio 2013.

_____. Karl May and the origins of a German obsession. *International Herald Tribune, New York Times*, September, 12, 2007. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2007/09/12/travel/12iht-12karl.7479952.html?pagewanted=all&_r=0>. Acesso em: 20 maio 2013.

KRAUSS, Michael. Amizades assimétricas. Curt Unkel Nimuendajú (1883-1945) e o estabelecimento de contato com indígenas brasileiros. *Revista Humboldt*, Bonn, 2009. Disponível em: <<http://www.goethe.de/wis/bib/prj/hmb/the/ami/pt4899558.htm>>. Acesso em: 20 maio 2013.

LUTZ, Hartmut. German Indianthusiasm: A Socially Constructed german national(ist) Myth. In: GALLOWAY, Colin; GEMÜNDEN, Gerd; ZANTOP, Susanne. *Germans & Indians. Fantasies, Encounters, Projections*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2002.

MASTERS, Joshua J. Reading the Book of Nature, Inscribing the Savage Mind: George Catlin and the textualization of the American west. *American Studies* [online], v. 46, n. 2, p. 63-89, 2005. Disponível em: <<https://journals.ku.edu/index.php/amerstud/article/view/2974/2933>>. Acesso em: 20 maio 2013.

MAY, Karl. *Winnetou*. Porto Alegre: editora Globo, 1966. v. 3.

MELIÀ, Bartomeu. A terra sem mal dos Guarani. Economia e profecia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 33, p. 33-46, 1990.

NIMUENDAJÚ, Curt. Mais uma vez a questão Índigena. *Tellus*, Campo Grande, n. 24, p. 269-274, jan./jun. 2013a [1908].

_____. Apontamentos os Guarani. *Tellus*, Campo Grande, n. 24, p. 311-360, jan./jun. 2013b [1908].

_____. Quanto a questão Coroado. *Tellus*, Campo Grande, n. 24, p. 291-297, jan./jun. 2013c [1910].

_____. O Fim da tribo Oti. *Tellus*, Campo Grande, n. 24, p. 275-281, jan./jun. 2013d [1910].

_____. *As lendas de criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocuva-Guarani*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1987 [1914].

_____. *Etnografia e indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié Xavante e os índios do Pará*. Unicamp, 1993, p. 83-100.

PANE BARUJA, Salvador. *Curt Nimuendajú y León Cadogan: dos extranjeros guaranies*. Premio Dra. Branislava Susnik. Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica (CEADUC), 2012. [inérito]

PENNY, H. Glenn. Elusive Authenticity: The Quest for the Authentic Indian in German Public Culture. *Society for Comparative Study of Society and History*, v. 48, n. 4, p. 798-819, 2006.

POMPA, Cristina. O profetismo Tupi Guarani: a construção de um objeto antropológico. *Revista de Índias* [online], v. 64, p. 41-174, 2004. Disponível em: <<http://revistadeindias.revistas.csic.es/index.php/revistadeindias/issue/view/46>>. Acesso em: 20 maio 2013.

PORRO, Antonio. A Amazônia indígena de George Catlin: imagens e relatos de viagem desconhecidos. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.* [online], v. 5, n. 3, p. 647-668, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222010000300006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 maio 2013.

SAMMONS, Jeffrey L. Nineteenth-Century German representations of Indians from Experience. In: GALLOWAY, Colin; GEMÜNDEN, Gerd; ZANTOP, Susanne. *Germans & Indians. Fantasies, Encounters, Projections*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2002.

SCHRÖDER, Peter. Curt Unckel Nimuendajú – um levantamento bibliográfico. *Tellus*, Campo Grande, n. 24, p. 39-76, jan./jun. 2013.

SCHADEN, Egon. Introdução. Apontamentos sobre os Guarani. *Revista do Museu Paulista*, n. s., v. 8, 1954.

_____. Curt Nimuendaju. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, 03/12/1960, p. 1.

_____. Notas sobre vida e obra de Curt Nimuendajú. *Revista de Estudos Brasileiros*, n. 3, p. 7-19, 1968.

ZANTOP, Suzanne. Close encounters: Deutsche und Indianer. In: GALLOWAY, Colin; GEMÜNDEN, Gerd; ZANTOP, Susanne. *Germans & Indians. Fantasies, Encounters, Projections*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2002.

WELPER, Elena. *Curt Unkel Nimuendajú: um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/MNRJ, Rio de Janeiro, 2002.

Recebido em 11 de janeiro de 2013

Aprovado para publicação em 14 de fevereiro de 2013